

FILOSOFIA ORAL – UM CONTO EM PELOTAS

**KRÜGER, Luana de Carvalho¹; LEITE JUNIOR, Pedro Gilberto da Silva²;
FIGUEIREDO, Camila Pilotto³; DIAS, Jorge⁴.**

¹ Aluna do curso de licenciatura em Filosofia – Instituto de Sociologia e Política - UFPel.
luana-kruger@hotmail.com

² Prof. Dr. Pedro Leite Junior – Departamento de Filosofia – ISP – UFPel
pedroleite.pro@ig.com.br

³ Aluna do curso de licenciatura em Filosofia – Instituto de Sociologia e Política - UFPel.
camilafigueiredoo@hotmail.com

⁴ Aluno do curso de licenciatura em Filosofia – Instituto de Sociologia e Política - UFPel.
cia.trankos@hotmail.com

Orientador: LEITE JUNIOR, Pedro Gilberto da Silva
Universidade Federal de Pelotas - UFPel

1. INTRODUÇÃO

Conhecemos através de inúmeras fontes a história e os contos que envolvem a cidade de Pelotas, bem como sua cultura, seus problemas e sua tradição. Há uma vasta bibliografia sobre a história de Pelotas. No entanto, a história da filosofia não está contemplada nesses escritos.

Apesar de não ser tão conhecida como as outras, possuímos uma grande bagagem de histórias e vivências, principalmente por influência da Universidade Católica de Pelotas (UCPel)¹ e da Universidade Federal de Pelotas (UFPel)². Ambas disponibilizam o curso de Filosofia - licenciatura e bacharelado - formando assim, professores e pesquisadores, além das escolas de ensino médio que trabalham com a disciplina.

A pesquisa referente à história da Filosofia em Pelotas procura um outro modo de ver a filosofia, bem como conhecer sua história na cidade. Desse modo, foi intitulado “Filosofia Oral – Um conto em Pelotas”, pois através da oralidade³ conhecemos a filosofia presente na vida das pessoas, por onde ela passou e onde influenciou.

Propomos pesquisar através da oralidade como a história e o ensino de Filosofia na cidade de Pelotas destacam-se, utilizando de conversas e entrevistas com professores e alunos de várias instituições. A utilização da oralidade definiu-se pela escassez de referências e autores que abordam esse tema, o que caracteriza uma história que poderá perder-se com o tempo. Por esse motivo, através da

¹ Para um panorama da fundação do curso de filosofia na UCPel, ver, Joelmir Wallney Hammes, 2005.

² Para mais detalhes sobre a fundação do curso de Filosofia na UFPel, ver, Álvaro Barreto, 2010 e a Sérgio Cruz Lima, 2010.

³ A definição de oralidade está ligada, neste contexto, a história oral, para mais detalhes sobre esses temas, ver, Cristiano Guedes Pinheiro et al, 2010.

filosofia praticada por professores e transmitida para alunos, conseguimos reunir dados de extrema importância para pesquisa.

São esses dados coletados de forma oral que o trabalho propõe-se a apresentar, passando agora para a dimensão escrita, pois, como escreve Platão: “Os discursos vivos, mantidos na dimensão da oralidade, são impressos na alma de quem aprende, enquanto os discursos escritos são apenas uma imagem dos discursos feitos na dimensão da oralidade”.⁴

2. METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Para a elaboração da pesquisa utilizamos um questionário padronizado e com questões pré-estabelecidas, para que ao final pudéssemos dar um tratamento analítico adequado a todas as informações de maneira adequada. Desse modo, focamos na vida acadêmica dos professores entrevistados, que ao longo da entrevista poderiam comentar a respeito de outra história que considerassem importante para o crescimento da pesquisa. Para que pudéssemos aproveitar toda a entrevista, utilizamos uma filmadora e depois procuramos transcrever a história contada pelos professores. Os professores entrevistados estão vinculados a Universidade Católica de Pelotas, Universidade Federal de Pelotas, Instituto Federal Sul-Rio-Grandense *Campus* Pelotas e ao Colégio Municipal Pelotense.

Para avaliar como os alunos viam o ensino de filosofia nas escolas, determinamos um questionário com uma questão optativa e uma descritiva, de forma que conseguimos saber se estes gostavam ou não do ensino de filosofia na sua instituição e como eles aplicavam no seu cotidiano os assuntos abordados pelo seu professor. Foram entrevistados alunos matriculados no 3º ano do ensino médio de dez escolas da cidade de Pelotas, sendo elas estaduais, municipais e federais, como E. E. E. Médio Dr. Augusto Simões Lopes, E. M. Nossa Senhora de Lourdes e o Instituto Federal Sul-Rio-Grandense.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas com os professores ainda não foram concluídas, pois consideramos que seja necessário um número maior de professores entrevistados para que possamos reconstruir a história da filosofia em Pelotas. No entanto, já é possível perceber que seus depoimentos se entrelaçam, caracterizando a história da filosofia na cidade. Nesses relatos podemos observar que existe em comum, por exemplo, a perspectiva de profissão que os estudantes da década de 60 e 70 tinham ao se formar em filosofia na Universidade Católica de Pelotas, assim como o comportamento dos professores desta mesma instituição no período da ditadura militar.

As entrevistas com os alunos nas escolas estão concluídas. Participaram dela 216 alunos, sendo que 102 consideram o ensino de filosofia da sua escola bom, 49 estudantes acham ótimo, 41 consideram regular, 14 julgam ser ruim e 1 aluno não opinou (ver figura).

⁴ PLATÃO. Fedro 276a.

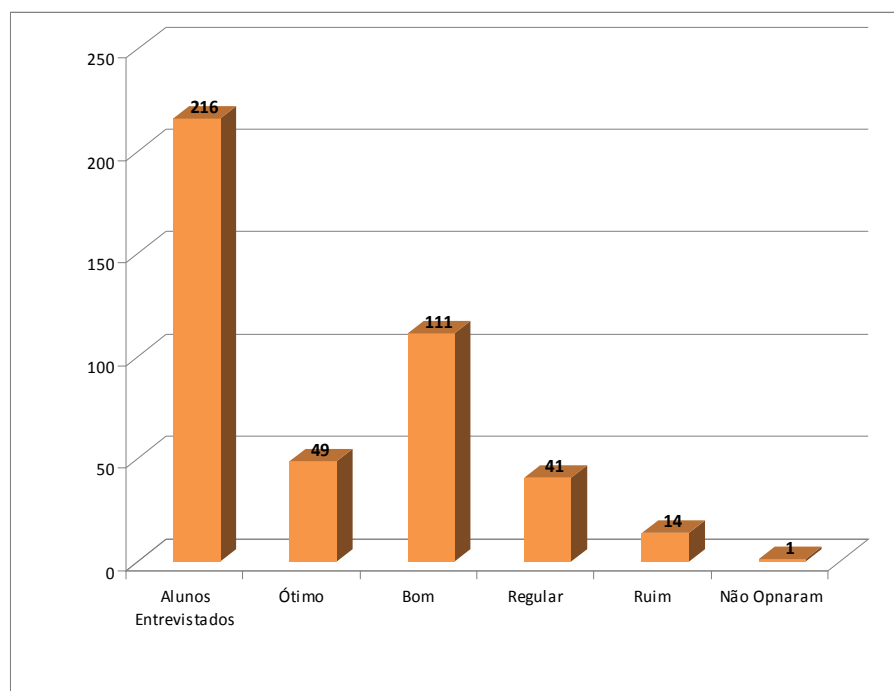


Fig. 1 Pesquisa realizada em escolas da cidade de Pelotas

4. CONCLUSÃO

Percebemos que a história da Filosofia em Pelotas ainda está em desenvolvimento, principalmente quando se trata do ensino nas escolas de nível médio. Sabendo que a obrigatoriedade do ensino de filosofia está em vigor a apenas quatro anos é possível avaliar que estamos no caminho certo para um futuro reconhecimento da disciplina. Tratando-se da história nas universidades consideramos de extrema importância que quase a totalidade dos professores são pelotenses ou próximos a nossa cidade, o que evidencia que grande parte formou-se nas universidades de Pelotas. Tratando-se da qualidade o curso de filosofia na UFPel, desde sua fundação, vem crescendo em qualidade e número de alunos.

Concluimos que o trabalho serviu para que os alunos conhecessem o passado da filosofia na cidade, fato que não havia sido evidenciado até a realização da pesquisa. Dessa forma, pudemos perceber como fundamentou-se e estruturou-se essa história, de modo que agora podemos sentir-nos parte dela e dar-lhe continuidade.

5. REFERÊNCIAS

HAMMES, W. J. Dom Antônio Zattera, 3º bispo de Pelotas – Uma cronobiografia. Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2005.

BARRETO, A. “Trajetória e realidade do ISP”. In: Pergaminho de Hermes, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 3 - 4, 2010.

LIMA, S. C. “Entrevista com Sérgio Cruz Lima”. In: Pergaminho de Hermes, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 6 - 8, 2010.

PINHEIRO, C. G. ; BUSSOLETTI, D. M. ; GILL, L. A. . “Fronteiras da cultura e da oralidade - Fórum Internacional de Contadores de Histórias e Foro Latinoamericano: Memória e Identidade”. In: Revista Teias (UERJ. Online), v. 11, p. 1-10, 2010.

PLATÃO. Diálogos de Platão. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1975.